

o cadáver do rei

Há exatos cinquenta anos, em 1972, durante a ditadura civil-militar, o governo de Garrastazu Médici exterminava incontáveis e imprescindíveis mulheres e homens resistentes ao Estado. Muitas vezes, os corpos destas mulheres e homens torturados "desapareciam" das celas e porões utilizados por agentes a serviço dos militares e dos civis patrocinadores da ditadura.

Ao mesmo tempo, visando comemorar os 150 anos da independência do Brasil, em parceria com outra ditadura, a portuguesa salazarista, Médici trouxe ao país o cadáver de Dom Pedro I. Os ossos, ao contrário dos pertencentes às milhares de existências corajosas, ocultados pela ditadura, circularam por todo o país. O cortejo macabro atraiu seu quinhão de espectadores.

Quarenta anos depois, em 2012, um estudo realizado pela Universidade de São Paulo (USP), exumou o cadáver de Pedro, o imperador do fíco. A partir das fotos do seu crânio e da análise de antropólogos forenses - vale lembrar, ciência responsável por identificar, no início do século XX, anarquistas como criminosos -, foi produzida a reconstituição do decrepito monarca. O perito do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro, diante de

deformações no rosto do imperador, constatou: "o crânio dele tem uma deformação nos ossos nasais que sugere uma lesão, fruto da ação contundente da esquerda para a direita". Em resposta ao laudo, um historiador alegou: a fratura pode ter ocorrido em uma queda do cavalo. Segundo ele, o homem chamado de imperador caía do cavalo com frequência.

Agora, 2022, passados dez anos da exumação e da divulgação por meio de tecnologia e designer avançados do rosto do imperador que decretou a independência do Brasil, o Estado investiu novamente em publicidade para ressuscitar o cadáver.

Desta vez não foram os ossos de D. Pedro que saíram em turnê. Em meados de agosto, visando celebrar o bicentenário do famoso grito do Ipiranga, o governo brasileiro trouxe o coração do antigo monarca dentro de um vidro com formol. E decidiu deixá-lo, para visitantes e seus inseparáveis *smartphones* em pleno saguão do Palácio do Planalto.

A repetição da propaganda nacionalista não é fortuita. O atual presidente, como todos sabem, é devoto do que é anoso, carcomido. E aprecia passeios a cavalo, como o ex-imperador. E mais: é um aberto defensor da violência e da tortura, como o general Garrastazu Médici.

Esta é a História da Independência registrada pelas autoridades e celebrada em

efemérides como a que ocorrerá no início deste mês (setembro). Uma História que constrói o protagonismo do rei em detrimento da memória de outras histórias radicais como as da Conjuração Baiana, entre tantas outras, irrompidas pouco tempo depois da Revolução Francesa e simultâneas à revolução Haitiana Santo Domingo de 1791.

Esta é a História. História que não finda e, de tempos em tempos, somente retoca a maquiagem do *presunto*.

Em nome do Brasil, da chamada independência - no caso brasileiro, diferente dos países vizinhos, ocorrida por um decreto e para manter uma monarquia -, ditadura e democracia, sustentadas pela violência, se aproximam. Ambas embebidas em formol.

um corpo na floresta

Em 1995, um grupo de seis indígenas isolados sofreu um ataque de madeireiros. Cinco indígenas morreram. O único sobrevivente, ao que tudo indica, existiu solitário por mais de vinte anos. Conhecido por antropólogos e funcionários da FUNAI como "indígena do buraco" (devido às valas que criava no meio da mata) o único sobrevivente da chacina foi encontrado morto no meio do mês de agosto

deste ano. Autoridades decretaram que em seu corpo não havia "sinais de luta ou violência".

Um leitor menos apressado, frente a esta breve notícia, pode fazer uma simples pergunta: diante do sistemático acossamento, de um lado pelo Estado, de outro pelo constante açoite por madeireiros e outros serviços de exploração constante da Amazônia, o que nesta história não é sinal de luta e violência?

Ainda na mesma semana em que o coração de Dom Pedro chegou mergulhado em formol e o "indígena do buraco" foi encontrado morto, indígenas Pataxó, ao sul da Bahia, foram ameaçados de morte por proprietários da região.

O coração exposto para visitas no Palácio e as ameaças aos Pataxó confirmam a escolha que, há muito tempo, sustenta o Brasil. A artista Lygia Pape, sobre o assassinato sistemático dos Tupinambá desde 1500, associando-os à política de encarceramento de jovens no país, na última década dos anos 1990, já havia escancarado: "Não é só uma questão política, é também uma questão de espírito e conceito. Não se abre mão da vitalidade".

para não existir rei algum

Poucas são as existências que não abrem mão da vitalidade. Certos indígenas e anarquistas estão entre essas vidas. Não à toa, no

Brasil, um dos principais veículos de textos libertários durante a ditadura civil-militar se chamou *O Inimigo do Rei*.

Durante os anos 1980, o jornal animou questionamentos ligados à liberação do sexo, das drogas e aos antimilitares. Contemporâneos às últimas edições do jornal, à época da chamada abertura política, *anarcopunks* que se aproximaram de ácratas mais velhos passaram a afirmar sua revolta antinacionalista a cada mês de setembro, momento de desfile cívico do Estado com suas armas e bandeiras dispostas pelas ruas.

Foi somente mais tarde, quase uma década depois, que surgiram manifestações da sociedade civil como o "Grito dos Excluídos", movimento originário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e que, desde 1995, a cada setembro, aglutina partidos de esquerda, movimentos sociais, organizações não governamentais.

Às vésperas de mais um dia 7, o deste ano amplificado pelo ritual eleitoral e as ameaças golpistas reacionárias e conservadoras, vale lembrar estas corajosas existências. E que independência, apesar dos léxicos apontarem, não é sinônimo de liberdade.

É preciso não existir rei algum.
[Publicado como Hypomnemata no. 260, setembro de 2022.]